

# SORRENATURAL

## CONTOS E POEMAS



**ADEMIR PASCALE**  
ORGANIZADOR

# **ADEMIR PASCALE**

## **ORGANIZADOR**

Copyright © por Autores  
Projeto editorial por Ademir Pascale  
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores  
Obra protegida por direitos autorais  
2021  
Patrocínio:  
[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)

# SUMÁRIO

**CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS CONTOS OU POEMAS**

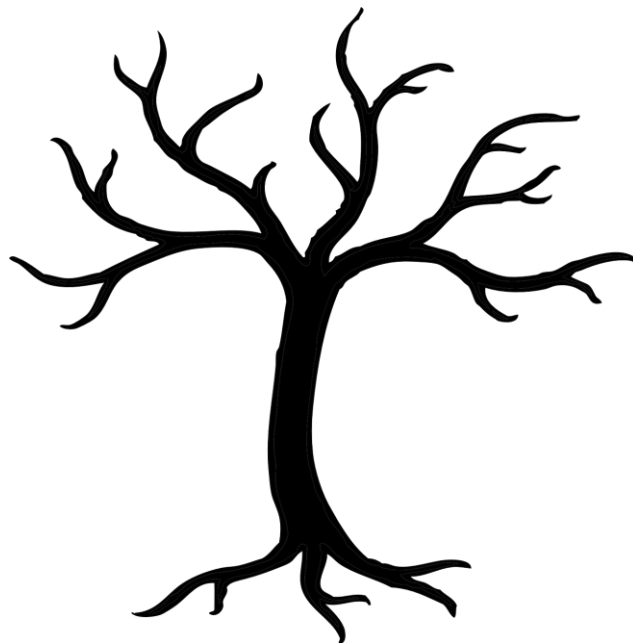
Todas as manhãs eu me refaço, por Ademir Pascale, pág. 05  
Transformar, por Alessandro Mathera, pág. 09  
O guia, por Anderson Almeida Nogueira, pág. 15  
O taberneiro, por Manoel Pedro Neto, pág. 20  
A sombra da lua, por Ney Alencar, pág. 26  
Hábito maldito, por Ney Alencar, pág. 30  
Mutantes infernais, por Noel Rosa de Castro, pág. 33  
A cena do crime, por Roberto Schima, pág. 38  
Conheça outros títulos da coleção, pág. 44

Organização, capa, arte e diagramação: Ademir Pascale  
E-mail: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

**VISITE:**  
**[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)**

**[www.instagram.com/revistaconexaoliteratura](http://www.instagram.com/revistaconexaoliteratura)**  
**[www.facebook.com/conexaoliteratura](http://www.facebook.com/conexaoliteratura)**





*É uma pena que a maior parte da humanidade tenha uma visão mental tão limitada para analisar com calma e inteligência aqueles fenômenos isolados, vistos e sentidos apenas por algumas pessoas psiquicamente sensíveis, e que acontecem para além da experiência comum.*

— H. P. Lovecraft



**APRESENTAMOS O CONTO**

# **TODAS AS MANHÃS EU ME REFAÇO**

**Por Ademir Pascale**

**Sobre o autor: Paulista, escritor, editor e ativista cultural. Criador e editor-chefe da Revista Conexão Literatura ([www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)). Autor do romance "O Clube de leitura de Edgar Allan Poe", organizador de dezenas de antologias de contos e poemas, tem contos publicados no Brasil, França, Portugal e México. Contato: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)**

**D**a janela do quarto, Matson visualiza os transeuntes em suas atividades rotineiras, mesmo que algumas delas seja ficar sentados olhando para o tempo ou jogando jogos de tabuleiro, como o velho Marduco e seus amigos faziam todas as manhãs — e também as tardes.

A cama desarrumada. Fabiana deve estar malhando, como sempre faz em todas as manhãs. A ginástica frequente e o consumo baixo de calorias faz com que ela mantenha o corpo esbelto e a aparência jovem. Muitos não dão mais do que 30 anos, sendo que ela está para completar 43 anos.

Matson vai até a cozinha, pronto para encontrar a mesa pronta com o seu café da manhã, mas uma confusão invade a sua mente ao notar duas xícaras de café vazias, farelos de pão e restos de bolo. Ao que tudo indica, um café para dois foi consumido, e não faz muito tempo, pois ao tocar nas xícaras, as mesmas ainda estavam quentes. Mas, pode ser que alguma amiga de Fabiana veio logo cedo para o café, para depois saírem juntas.

O café pode ficar para depois, afinal, nem está com fome e, arrastando os pés descalços até o banheiro, pois não encontrou os chinelos, nota o armarinho aberto, mas sem a sua escova amarela. Estranha, pois ao lado da escova rosa de Fabiana, havia outra azul, sendo que algumas horas antes a sua estava lá.

Matson sente uma leve tontura. Apoia-se na parede e vê o teto do banheiro girar. Pode ser a falta do café e o pãozinho com queijo e presunto que estão fazendo falta, mesmo assim continua sem fome. Pode ser que uma ida até ao escritório faça com que fique melhor e um pouco mais animado. Mais um novo espanto ao abrir a porta do seu guarda-roupa: roupas diferentes, marcas, cores e tamanhos diferentes.

— A Fabiana só pode estar tentando pregar uma peça em mim. Mas uma peça bem sem graça. Pode até ser que ela esteja escondida aqui em casa, pronta para dar um salto e cair na gargalhada — Matson coça a cabeça, senta na cama e sente mais uma vez uma leve tontura, até visualizar o quadro da esposa, sorridente em sua festa de aniversário de 35 anos. Já os outros quadros, como o do seu casamento, das constantes viagens ao redor do mundo e, principalmente, do primeiro ano de namoro, não estavam lá. *Essa brincadeira está indo longe demais. Isso acaba aqui...* Pensa.

Matson vai até escrivaninha, mas não encontra o seu celular. Percorre os cômodos da casa em busca da esposa que poderia estar escondida como parte da “brincadeira”, mas não a encontra. Chegou a olhar até embaixo da cama.

No momento, a melhor saída seria sair de casa e caminhar um pouco para espreitar. E não daria a mínima importância se os vizinhos notassem que está descalço, pois além dos chinelos, não encontrou seus tênis ou sapatos. Por sorte ainda mantinha no corpo sua camiseta regata e sua bermuda branca.

Mas algo inusitado surge mais uma vez: não encontra as chaves da porta e a maçaneta não gira. Vai até a janela e pensa em pular, mas logo afasta esse pensamento ao lembrar que está descalço e que cairia sobre o jardim cheio das roseiras com seus espinhos pontiagudos.

O jeito foi sentar-se no sofá e aguardar até a brincadeira sem graça acabar.

As horas passam e Matson nem sequer nota, pois os pensamentos estão longe e, além do café da manhã, também não sentiu vontade de almoçar, algo bem diferente de sua rotina diária de alimentar-se 5 vezes ao dia, recomendação do nutricionista para manter o corpo bem nutrido e os músculos avantajados. E apesar de não entender a situação na qual se encontra, manteve a calma, algo que também estranhou, pois o nervosismo e a falta de paciência sempre o dominaram.

Mas finalmente descobriria o que realmente estava acontecendo, pois ouviu o som da chave sendo introduzida na fechadura.

Matson cruza os braços e fixa o olhar na porta da entrada.

E finalmente ela foi aberta e a luz acesa. É Fabiana. Matson sorri, mas logo desfaz o sorriso ao ver um homem atrás dela, que conversa com ela.

— Que trânsito infernal, hein? Não vejo a hora de tirar essa roupa e tomar um banho. Amor, o que acha de depois pedirmos uma pizza?

— Pode ser, estou morrendo de fome e não estou a fim de cozinhar nada hoje.

Matson fica paralisado e não entende quem é aquele homem.

*Amor? Ele a chamou de amor! Eles não estão vendo que estou aqui?* Pensa Matson, que resolve interferir na conversa.

— Ei, que história é essa de amor? Quem é você? O que pensam que estão fazendo? — Matson se levanta.

— Estranho, senti um arrepio no corpo... — diz Fabiana cerrando o olhar.

— É, parece que esfriou. Bom, vou tomar um banho quente. Se quiser ir comigo a gente pode se esquentar no banheiro – os dois se abraçam.

— Que palhaçada é essa? Que pouca vergonha, Fabiana. Eu estou aqui, você é casada, que história é essa?

Eles, Fabiana e o homem, não respondem e caminham em direção ao quarto. O homem entra no banheiro, mas Fabiana continua andando, entra no quarto e Matson a segue. Ela abre a gaveta do seu guarda-roupa e pega uma foto. Senta na cama e a beija, depois a coloca sobre o peito, dá um longo suspiro, olha novamente a foto e a guarda em seu lugar de origem. Passa pelo esposo e entra no banheiro.

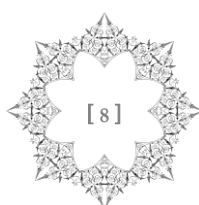
Sem entender, Matson abre a gaveta da esposa e pega o retrato.

Era ele em uma foto tirada no dia do seu noivado com Fabiana.

De repente uma luz invade o quarto e sua mente clareia. Ele lembra da esposa chorando, segurando sua mão na cama do hospital. Fora baleado por um bandido que furtou seu carro.

Recorda-se do momento em que o médico e enfermeiros estavam ao seu redor, até tudo ficar escuro, depois surgir um túnel extenso e iluminado.

Faleceu há mais de dois anos. E por algum motivo mantém-se preso em sua casa. E sempre ao amanhecer, tenta manter a rotina diária, até descobrir ao final do dia que não está mais vivo, num *loop* que parece eterno...





A man in a dark suit and tie stands in a stone archway, holding a glowing orb in his right hand. The scene is dimly lit with a greenish tint. The background shows a stone building with multiple arches and a set of stone steps leading up to a doorway. The man is looking slightly to the right of the camera.

**APRESENTAMOS O CONTO**

# **TRANSFORMARI**

**Por Alessandro Mathera**

**Sobre o autor: Formado em escrita profissional, criativa e de contos, e já teve suas histórias publicadas em diversas antologias temáticas. Também é servidor público na área de tecnologia da informação.**

***“You’re a fighter”***

— Filho, que música diferente é essa?

*“It’s in the mighty hands of steel”*

— Ah, é daquele desenho dos carros que viram robôs. Lançaram um longa-metragem deles e não tem nenhum outro programa que preste na televisão no momento. Usaram o horário nobre para uma programação infantil.

É, meu filho cresceu mesmo: reclamando de ver desenho animado! Terminei de arrumar a cozinha e vou até a sala. Chego junto ao meu filho, sentado no sofá, e dou um beijo em sua bochecha.

— Vou me deitar, filho. Tenha uma boa noite e não vá dormir tarde.

— Boa noite, mãe. Não se preocupe, estou de férias da faculdade — me responde com um sorriso leve, de quem não tem preocupações.

Sigo para o meu quarto apenas para descobrir que vou dormir depois do meu filho: a luz vermelha de alerta emitida pelo Oráculo saía pela fresta da porta.

Quando entro, também me deparo com o Campeão me esperando ao lado do Oráculo. Mesmo já tendo visto tal cena em outras ocasiões, não muda o fato de ser insólito encontrar um tigre gigante alado ao lado de uma esfera de diamante brilhando dentro do seu quarto.

— Muito bem, qual é a emergência desta vez? Será que devo lembrá-los de que meu filho está em casa?

— Isso não é problema, Alice. Meus guardas estão do lado de fora da sua casa fazendo seu trabalho — responde o Campeão, como se essa fosse minha única preocupação.

— Ele não nos ouve neste momento, Guardiã. Meu feitiço de ocultamento manterá ele entretido na programação da televisão — completa o Oráculo.

— Muito bonitinho um completando a fala do outro. Mas eu ainda não sei do que trata a missão. Oráculo?

— Você deve se lembrar do Dodge Golden Eagle que enfrentamos há alguns anos atrás, correto?

— Sim, lógico que lembro. Foi o único carro assombrado que escapou da batalha no ferro-velho. Você havia afirmado que ele voltaria para casa dele sem ferir ninguém.

— De fato, ele retornou querendo vingança, porém está diferente — interveio o Campeão.

— Diferente como?

— A magia do Golden Eagle conseguiu infectar outros aparelhos eletrônicos da casa. Isto bastou para que, novamente, o poder das artes acabasse agindo, desta vez de modo involutário.

— Como?

— A combinação da animação chamada “Transformers” com a música “The Touch”, tema do seu respectivo longa-metragem, acabou por transformar o Golden Eagle em um carro-robô.

— Ah, que maravilha! Além ter de enfrentar, outra vez, um carro rancoroso, agora ele vem turbinado e na forma de robô? E depois, qual vilão de desenho animado nós vamos combater? Uma múmia acompanhada de animais mutantes?

— Alice, não é hora para ironias. Temos um monstro de aço vindo para cá.

— Você tem razão, Campeão. Desculpe, Oráculo, mas depois que interceptarmos o Golden Eagle, nós vamos até a casa onde ele estava e fazer uma limpeza mística.

— Tudo a seu tempo, Guardiã. Agora precisamos planejar o ataque.

— Certo, e como será?

\* \* \*

A noite nos dá a vantagem de podermos voar mais baixo sem precisar de um feitiço mais potente de ocultamento, vantagem que o Golden Eagle não tem, somente para com humanos comuns.

Não sei há quanto tempo esse maldito está viajando pelas estradas desde o Maine, nos Estados Unidos, até a ponte Rio-Niterói, onde o avistamos, mas a magia por ele emanada era como um farol para nós, mesmo ele rodando todo apagado.

— Bom, já avistamos o carro. E agora? — pergunto a ambos.

— Seguimos com o plano, Alice — respondeu o Campeão.

Naquele momento o plano ainda era bem simples: continuar seguindo o Golden Eagle até ele chegar na Avenida Brasil. Depois, era aguardar a oportunidade.

E a tal oportunidade não demorou muito: como um poderoso aríete, o Campeão se lança contra o carro amaldiçoado e joga ele do meio da autoestrada para a praia de Ramos. Pela primeira vez na vida eu não reclamo desta ser a praia mais poluída da cidade do Rio de Janeiro! Se não fosse por isso e pelo fato de ser meio da semana, ela não estaria vazia.

Numa clara demonstração de que não aprendeu a reagir com o seu novo poder, o Golden Eagle cai com as rodas para o ar. O efeito surpresa entretanto não dura muito tempo e ele se transforma, um robô de mais de três metros de altura.

Nós já havíamos pousado a uma distância segura do monstro de aço. Eu desço do Campeão e puxo de dentro do Oráculo o martelo de Hefesto. Estamos quase prontos quando realizo o feitiço:

— Oráculo, *volant per pugna!* — e ele começa a flutuar.

Mal o robô se levanta e o Oráculo se faz de bala de canhão, disparando contra a cabeça do maldito que cai de costas.

Mas agora o Golden Eagle não tem mais como ser surpreendido, rola para longe de nós e se transforma de volta em carro, desviando de um segundo golpe do Oráculo.

Entretanto, a fuga do segundo golpe havia sido planejada pelo Oráculo, pois o Campeão vinha de outra direção e fez o Golden Eagle capotar novamente.

Exceto por alguns arranhões e amassados, isso tudo apenas serviu para irritar o maldito que já estava na forma de robô outra vez e agora analisava o cerco que nós três fizemos.

Ele deve ter considerado que eu seria o elo mais fraco da corrente e resolveu correr para cima de mim. Eu apenas espero ele chegar.

Quando ele está praticamente em cima de mim, eu desvio mais rápido do que ele esperava e o derrubo com uma martelada nas costas. Eu aproveito a oportunidade e destruo a mão esquerda dele com um segundo golpe antes de afastar.

O robô solta um misto de rugido com som de interferência: a destruição da mão com certeza doeu.

Antes que ele tente me perseguir, outro golpe do Oráculo enverga o braço direito dele para o alto de tal modo que o mesmo não mais consegue movê-lo. O maldito ainda tenta desentortar o braço direito usando o toco que sobrou da mão esquerda, porém tudo que consegue é arrancar o próprio braço e novamente sentir dor.

Logo ele supera a dor para arremessar o braço torto contra mim. Eu rebato com o martelo de Hefesto para o Campeão que o agarra e parte com suas presas poderosas.

O espanto do Golden Eagle — ou o que sobrou dele — é distração suficiente para que o Oráculo possa desferir outro golpe e derrubá-lo mais uma vez.

Usando o cotoco do braço esquerdo para ganhar impulso, o robô consegue se levantar ainda que de forma sofrível, mas apenas para que eu arremesse o martelo contra o joelho direito e o Campeão destroe a perna esquerda.

O Golden Eagle cai pela última vez, ainda movendo o que restou de seus membros sem conseguir se levantar ou mesmo arrastar. O Oráculo simplesmente dispara para baixo e perfura o peito do robô, saindo de volta pela areia e atravessando o maldito de novo.

Eu recupero o martelo e dou o golpe de misericórdia, destruindo a sua cabeça com o golpe.

— Desta vez foi mais difícil do que quando nós enfrentamos ele e os outros carros — observo.

— Sim, Alice, mas da outra vez eram somente carros. Um robô maior que eu e que ainda se transformava de volta em carro pedia uma estratégia mais elaborada.

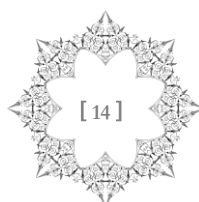
— Verdade. Campeão. E agora, Oráculo? Temos mesmo de devolver ele para sua dona?

Antes de me responder, o Oráculo emite luzes em direção às sucatas do Golden Eagle remontando o mesmo. Desta vez sem a aura de magia maligna que nele havia.

— Sim, Guardiã. Agora que ele está restaurado, vamos levá-lo de volta ao Maine, devolvê-lo e também limpar a casa e os aparelhos de lá desta magia.

— Muito bem, então vamos concluir a missão. Depois disso podemos voltar voando, Campeão?

— Claro, Alice!





**APRESENTAMOS O CONTO**

# **O GUIA**

**Por Anderson Almeida Nogueira**

**Sobre o autor: Nasceu em Magé/RJ em 26/12/1966, é morador de Cachoeiras de Macacu/RJ. Autor independente, tem seis livros publicados. Os estilos de suas publicações são variados, indo do cotidiano ao técnico; do biográfico à ficção, preferindo as modalidades de conto e crônicas nas suas obras. Utiliza, além da escrita, fotografias de sua autoria e imagens de domínio público para ilustrar suas obras. É Presidente da Academia Cachoeirense de Letras desde 2018, onde ocupa a Cadeira de nº 18.**

**A**s pessoas circulavam pelas ruas movimentadas da cidade histórica em mais um final de semana típico de Tiradentes, em Minas Gerais.

Turistas e moradores locais num intenso vai e vem, a pé, de charrete, uns com mapas turísticos nas mãos, outros com aplicativos de celular, alguns acompanhados dos guias locais a explicar a história da cidade.

Uma figura em especial chamou a atenção de todos naquele início de noite: um homem vestindo trajes de época, um tanto surrados é verdade, mas composto de chapéu tipo quepe, colete, casaca com apetrechos nos ombros e espadim na cintura, um perfeito Alferes, tal qual nos livros de história.

Cumprimentava aos homens com respeito – lhes tirava o chapéu, e às mulheres com reverência curvando-se pra frente. Os passantes achavam graça e repetiam os gestos. Junto com os cumprimentos oferecia seus serviços: “Posso vos apresentar minha cidade, nobre cavalheiro?” “Queres conhecer a história da inconfidência mineira, adorável dama?”.

“Obrigado, quem sabe amanhã pela manhã”, uns diziam. “Deixe seu contato, sábado depois do almoço te ligo pra marcar”, outro falou.

“Desculpem-me cidadãos, só posso atendê-los após o crepúsculo, no limiar das noites, ao luar”, disse poético o alferes-guia.

As medidas e o português rebuscado chamavam à atenção das pessoas, que, aos poucos foram parando para lhe falar. Deve ser algum guia novo, de certo. E trajado como na época do Tiradentes. “Muito criativo, vai fazer sucesso”, diziam.

Um grupo de cinco turistas vindo da capital se interessou pelo serviço do novo guia. Trataram um passeio a pé pelas ruas com o homem para conhecer as histórias que ele tinha pra contar. “Vamos ver se é a mesma que os charreteiros contam”, alguém falou.

Noite de lua cheia, às 20 horas em ponto o guia se apresentou trajado de alferes para começar o tour. O grupo estava reunido no largo de Sant’Anna e nem percebeu quando o homem apareceu e os chamou. Parecia ter surgido do nada...

“Não se assustem, é que tenho o andar leve, estava acostumado quando as ruas ainda eram de tabatinga, nem tinha pedra por aqui”. O grupo se entretolhou, sem nada entender. “Vamos, então”, disse um deles.

“Meu nome é Bonifácio, sou primo legítimo de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes. Vim de Villa Rica pra esse Arraial para ajudar meus amigos alferes na



resistência contra a coroa portuguesa”. Os turistas gostaram logo de cara, “pelo jeito o tour vai ser em forma de teatro”. O guia não respondeu, e seguiu.

Seguiram o passeio com o guia apontando as ruas, os becos, as igrejas e as demais atrações da cidade como se estivesse em outra época, há centenas de anos...

Terminado o passeio, já beirava a meia-noite, o guia Bonifácio se despediu, mas não quis receber pagamento. “Não precisam pagar, não reconheço essas moedas que os senhores portam. Fica como uma gentileza por me darem ouvidos, há muito isso não acontecia.”

“O cara é bom como guia, mas é meio louco.” A reação de todos foi essa.

Nas noites seguintes, o guia-alferes estava lá, servindo de guia noturno, contando histórias como se estivesse no passado. No Museu Casa do Padre Toledo disse ter participado na semana anterior das reuniões de resistência à Rainha Dona Maria, a Louca; no Chafariz de São José demonstrou certa irritação por não encontrar o seu cavalo que, segundo ele, deixara ali há uma hora atrás; Atravessando a ponte sobre o Rio das Mortes relatou como foi remando até o Arraial Novo do Rio das Mortes (atual São João Del Rei).

As pessoas que o acompanhavam achavam graça naquele teatro ao ar livre. “O cara é bom, parece que esteve lá mesmo de tanta convicção com que fala.”

A outro grupo relatou como fugiu da Guarda Real Portuguesa junto com mais um inconfidente na ocasião da Conjuração Mineira. O dois seriam os únicos que não foram presos, degredados ou enforcados como o seu primo Joaquim José da Silva Xavier.

“Conheço muito bem a história da cidade, participei dos momentos mais importantes da Vila de São José do Rio das Mortes”, sempre dizia, nem sempre compreendido. No final da noite se despedia e ia embora em direção a mata no pé da Serra de São José.

“Naquela direção não tem casa”, disse Riobaldo, morador local que acompanhava um grupo de amigos de Barbacena em visita à cidade. “Já me embrenhei muitas vezes nessa mata pra caçar, ali só tem mato. A casa mais perto fica a léguas e na outra direção.”

Uma coisa chamou a atenção dos integrantes dos vários grupos que acompanharam o guia-alferes pelas ruas da cidade, as fotografias que tiravam, fosse com celulares ou máquinas digitais ficavam desfocadas somente no guia. Todos apareciam perfeitos, mas o guia era um borrão só...

Havia já algumas noites que o guia não aparecia para o passeio teatral, desde que a lua cheia se foi dando lugar ao quarto minguante.

A fama do guia pitoresco e muito entendedor da história se espalhou, virou mais uma atração turística do lugar. Todos queriam fazer o tour noturno personalizado com o aquele ator convincente. Mas ele andava sumido naqueles dias...

O primeiro grupo que fez o tour com o guia-alferes voltou à cidade naquele final de semana agora com um número maior de integrantes. Sem conseguir localizar o ator resolveram procurar o Centro de Turismo em busca de informações de como acha-lo, algum telefone, local da casa ou onde trabalhava. “O nome dele é Bonifácio, está sempre vestido a caráter e só trabalha a noite. Tenho umas fotografias que tiramos com ele, mas, não entendo, a imagem dele ficou meio desfocada”.

Sem sucesso, afinal ninguém conhecia nenhum guia Bonifácio, tentaram descrever o homem: “Ele é pardo, de estatura mediana e cabelos longos, meio desgrehados; a fala é rebuscada, e conhece muito da história que conta com detalhes que nunca tinha ouvido; está sempre vestido com roupas e alferes, diz que é primo do Tiradentes, o que foi enforcado; fala das reuniões, da derrama, do Padre Toledo”...

Nesse momento foi interrompido pelo professor Grimaldo Pompilho, mestre em história do Brasil que lecionava na Faculdade de História de Mariana e estava em Tiradentes com seus alunos para uma aula prática: “Desculpe-me pela intromissão, mas o seu relato da pessoa me remete ao alferes Bonifácio Alvarenga Xavier, um dos inconfidentes que não foram presos. Como ele, outros tantos fugiram embrenhando-se nas matas, outros fugiram nadando pelo Rio das Mortes. Bonifácio Alvarenga ainda tentou levar consigo seu grande amor, a dama Filomena de Borgonha, neta do intendente da Corte Real com quem tinha um romance proibido,” disse enquanto retirava da mochila um livro.

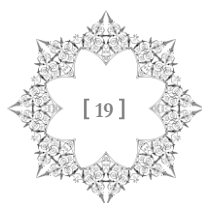
“Veja aqui, mostrou o exemplar de “Inconfidentes Livres”, esse livro conta a história dos que conseguiram fugir da Guarda-Real. Este é o Bonifácio Alvarenga Xavier, primo de Tiradentes”, apontou para a gravura. “A sua amada Filomena de Borgonha foi feita prisioneira pelo pai e não conseguiu fugir com o alferes. Semanas depois casou-se, obrigada, com o emissário de Portugal, Dom Leonel Perdomo.”

“Como assim? É ele na gravura, é exatamente o homem com quem passeamos naquela noite de lua cheia.” Estavam todos assustados e incrédulos.

“Senhores, isso é impossível,” continuou o mestre em história. “Depois da desilusão amorosa, deprimido, Bonifácio se jogou do alto da Serra de São José, onde fizera seu esconderijo, numa noite de lua cheia tão forte que se pôde ver o seu corpo caindo daqui de

baixo. O corpo nunca foi encontrado, provavelmente foi devorado pelos animais da floresta.”

“E isso aconteceu há mais de 220 anos”...



A man in a dark suit and tie stands in a stone archway. The scene is dimly lit with a greenish tint. The man is looking slightly to the right. The background shows a stone building with multiple arches and a set of stone steps leading up to a doorway.

**APRESENTAMOS O POEMA**

# **O TABERNEIRO**

**Por Manoel Pedro Neto**

**Sobre o autor: Estudante de História (1993). Natural da cidade de Santana do Ipanema, sertão de Alagoas. Reside atualmente na cidade de Maceió/AL. Participou no ano de 2019 da antologia poética *Novos poetas Alagoanos*, pela editora PARRESIA. Atualmente está lançando seu primeiro romance pela editora Viseu.**

Pela porta adentrou um homenzarrão  
De longos fios negros e volumoso barbado  
De frente pálida e olhos fundos  
De frente marcada e um olhar letárgico

Sentou diante mim pondo as mãos no balcão  
Expondo as fases da lua, marcadas em seu pescoço  
Eu como um bom mestre taberneiro,  
Poupei-nos do arroteio:

*“Nobre ‘mio’,  
Sabias que também já fui um ‘mui’ poderoso ‘heiticeiro’  
Conheci toda classe de porção ‘márrica”  
Conheci toda solução alquímica  
Das que brisavam saúde até as que choviam desgraça  
Toda, toda, toda clas-sse...  
Mas nenhuma como esta  
Chama-se rum, dá bravura ao mais covarde!”*

O homem sacou o copo e tomou de uma única golada  
De fundo os outros também bebiam  
Um trovador tocava, uma moça bonita girava  
O homem fitava uma jovem recatada  
Esta não parecia entender bem o que acontecia  
Parecia contente e assustada

Coloquei outra bebida, o dobro da outra  
*“Por que não a tiras para bailar?  
Está sempre ‘aqüi’ é menina ‘mui’ boa  
É menina da classe de cristalina esposa”*

O olhar letárgico prevaleceu  
E eu já não digeriria bem a mazela desse papel de marionete

Coloquei outra bebida, o triplo da outra dosagem:

*“Beba covarde!*

*O que estamos fazendo ‘aqui’?*

*Tens alguma ideia ou tudo isto é só vaidade?*

*Tem um ano que vens ‘aqui’*

*Reanima estes cadáveres, incluso isso a ‘mi’*

*Bebem e bailam*

*Tornam ao desanimar com seu pestilento partir”*

A infeliz órbita arregalou

A pupila expandiu que parecia que tudo queria consumir

O olhar letárgico era passado

Era pra ser usado na classe de marionete tonta

Perguntou-me a quanto eu sabia

Respondi virando em seu copo toda a bebida:

*“Às vezes lembro, as vezes ‘doi-me’ conta*

*Às vezes fico orgulhoso, às vezes ‘non’ ‘intendo’*

*Como teu velho mestre eu te digo*

*É um cruel experimento”*

Ele me disse que não era por tédio ou divertimento

Que estava aprimorando

Que reanimaria de vez todos aqueles lazarentos

Que levaria guerra aos que se dizem Santos Cavaleiros

Aquele homenzarrão foi meu menino mais prodigioso

A maioria dos meus alunos só conseguia lidar com um morto

A maioria morria ao tentar animar dois, quando muito três

Eu nunca vi alguém conseguir tantos e de uma vez

Eu nunca vi alguém conservar tão bem os corpos

Era de fato um bruxo extraordinário!  
Era de uma classe que há muito passara de mim!  
Era de fato...

E, de fato, com tudo,  
Como mestre ancião adverte-lo fazia-se minha obrigação:

*“De fato a Santa doutrina, o Santo Ofício e a Santa Guerra,  
Tomaram poderio de grande parte do mundo,  
Exterminaram tudo que é bruxo  
Queimaram tudo que era de ciência da ‘nigra’ arte  
És o último!  
E faz parte de uma doravante classe  
És um ‘nigro’ mago ‘maes’ forte do que já sonhei em ser um dia  
‘Maes’, vingança não devolverá as ágoras e a magia  
És extraordinariamente tolo  
Olhe esses seus camponeses bêbados  
Nem de longe são guerreiros”*

O olhar letárgico vacilou em querer voltar  
Eu cerrei meu semblante  
E o homenzarrão quase se acanhou  
Tomou uma dose de virilidade e confabulou

Disse que a vingança não era dele  
Que a vingança era daqueles mortos  
Que todos haviam sido violados pela Santa Doutrina  
E todos haviam perecido diante a Santa Cobiça...

A conversa estava boa e tinha muito pra render  
Mas eu era um velho cansado  
Interrompi  
Evoquei o direito dos velhos de interromper a seu bel prazer:

*“És um ‘nigro’ mago ‘maes’ forte do que um dia sonhei em ser...  
Espero que saibas o que vai fazer  
Contudo, para ti não tenho serventia  
Não que eu merecia, ‘maes’ morri de velho decrepito  
Assim sendo ‘non’ conservo rancor ‘nin’ melancolia  
Acabaram com as ‘nigras’ artes  
Com tudo, morri tão velho que aprendi que toda empreitada trás inimizade.  
Por traz deste balcão não tenho pélvis ou penas  
Por baixo da camisa me faltam costelas.  
Não tenho serventia pra ti  
E nem há de ter àquela menina  
Ele morreu sem reter ódio!  
Liberte sua esposa!”*

Todos naquela taberna tinham um papel  
Menos eu e aquela bela moça  
Nós éramos uma fúnebre lembrança  
Retidos pela ganancia do Negro Mago!  
O carma da necromancia  
Difícilmente nos desfazemos de um morto de bom grado!

*“Liberte-nos ‘nicromante’  
Não leve até a guerra o seu passado  
És um ‘nigro’ mago deveras extraordinário  
Deixe-me enfim morrer de fato  
Deixe que hoje eu largue a ilusão de vida  
E adentre nas lembranças ou no oco esquecimento  
Embora eu nunca soube de fato distinguir tais eventos...  
‘Adios’ meu pupilo amaldiçoado  
O mais forte vivo, ‘nigro’ mago”*

O necromante secou seu copo  
No ensejo fez o que nunca tinha feito



Tomou o reanimado corpo da esposa pra dançar  
Valsaram por todo o salão  
Entreolharam-se  
Roçaram as pernas, giraram  
A moça perguntou quem era ele  
Disse que não se lembrava muito bem

Entreolharam-se  
Roçaram os ventres e giraram

Aos poucos, a música ficava mais lenta  
E a ilusão aos poucos se perdia  
Por todos os cantos mortas faces se mostravam  
Os lábios azulados denunciando a carne fria

Eu também comecei a me desmontar  
Deixava a morte para entrar nas lembranças  
Ou talvez no oco esquecimento  
Embora eu nunca soube distinguir a classe desses eventos

Meu crânio pelo chão rolou  
E eu pude ver a jovem neste derradeiro momento  
Ela sorria... ah, ela sorria...

A jovem em seus braços lentamente se desfazia  
Na valsa deixava poeira e ossos  
A canção atingia os tons mais agudos da melancolia

Sua face já começava a se desfazer  
Ela sorria... ah, timidamente sorria...



A man in a dark suit and tie stands in a stone archway, illuminated by a green light. The background is a dark, stone building with arches. The text is overlaid on the image.

**APRESENTAMOS O CONTO**  
**A SOMBRA DA LUA**

**Por Ney Alencar**

**Sobre o autor: Natural de Recife-PE. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Tem contos publicados em 11 e-books (Histórias para Ler e Morrer de Medo I, II, IV, V e VI, Van Helsing Caçadores de Monstros, O Livro dos Mortos, Antologia de Ficção Científica I e II, Bruxas II, Contos e Poemas Assombrosos) e participou de 19 antologias (Do Meio do Espaço Chegou, Malditos Lobisomens, Smash, Cartas ao Mar, Bestiário, Era um Vez, Excalibur, Phantastikós, Portais, Terra do Nunca, Bloody Mary, Slashers, Cine Trash, Cataclismo Bestial, O Amor vem das Estrelas, Pátria Amada Brasil, Labirintos e Horror Além da Compreensão).**

**E**ra de noite que os poderes do Mal eram exaltados!  
A noite profana, com sua escuridão desconhecida e misteriosa, suas horas mortas, cheia de fantasmas e assombrações.

Ele as ouvia passando em seu tropel fantasmagórico em frente à igreja.

E a pior noite era aquela governada pela sombra prateada da lua cheia!

A lua espalhava sua sombra de luz fantasmal, pálida como rosto exangue.

Seus raios hipnóticos encantavam com suas réstias que passavam pelos vidros coloridos da igreja caindo em raios coloridos sobre bancos vazios.

A meia-noite chegava com se feitiço de horror!

O padre Paulo olhou o disco branco e gordo que surgia no horizonte da janela dos fundos da velha igreja e um medo irracional tomou conta dele.

O calendário na parede marcava o dia fatídico, sexta-feira.

Seu coração bateu descompassadamente em um ritmo alucinante.

A língua colada no céu da boca já não o deixava orar, punindo-o horrivelmente.

Ele sentia o sangue corre por suas veias, sentia tudo, a cabeça pulsar em um ritmo hediondo, seus olhos ficaram desfocados e tudo à sua volta nublou-se.

Sentia seu corpo mudar, transformar-se sob as influências maléficas daquele astro, sentia a escuridão penetrando em sua alma, roubando-lhe sua santidade, vituperando sua fé!

A pele virada, blasfema, era seu ponto sem retorno.

Já não era mais homem, apenas besta!

E sentia fome, muita fome.

Sua mão-garra tateou a porta e a achou aberta, saiu com um pulo.

A rua estreita que corria ao lado da igreja estava escura e vazia.

Fungou o ar com o focinho adunco sorvendo os cheiros como se os bebesse.

Um cheiro perfumado chamou sua atenção, o coração bateu mais depressa, atraiu-o como mel, correu de quatro, as garras riscando os paralelepípedos, tirando faíscas carregadas de fado.

Estava longe. Podia sentir o odor daquela pele macia se movendo.

Correu pelas ruas escuras sem se importar, uma ânsia o consumia, uma coisa forte que misturava paixão e ódio.

Cães ladravam quando passava, assustados com sua aparição brusca.

Correu atraído por aquele sabor perfumado, o desejo pendendo firme, cheio com o sangue selvagem que pulsava roxo em suas veias grossas. Fascinado!

Súbito os sinos da igreja badalaram a meia-noite agourenta e maligna, com sua carantonha que pressagiava o horror

Seu som metálico retinia pelas ruas vazias como um chamado atroz!

Súbito outra coisa se interpôs entre ele e sua presa.

Parou e fungou o ar. O cheiro mudara, se transformara, uma concupiscência latejante o envolvia.

O fedor acre de animal o confundiu, vinha junto com o cheiro queimado de enxofre, o som de cascos que descia devagar a rua, ritmado, pelos paralelepípedos.

Escondeu-se nas sombras de um muro caído e esperou. Sofregamente.

A sombra equina surgiu rompendo a escuridão com seu fogo infernal, lambendo indecoroso o ar noturno.

Olhou fascinado o fedor acre misturado àquele sabor perfumado que tanto o atraía.

Reconhecia nele aquela que o procurava languida durante o dia na sacristia.

Os odores mesclados em um fado pior do que o seu!

A assombração voltou os olhos endemoniados em sua direção e ele olhou dentro deles, fogos sobrenaturais de luxúria e concupiscência, com seus olhos amarelos e enlouquecidos.

Um reconhecimento blasfemo veio, para logo ser esquecido pela sua mente atormentada.

Um grito lamentoso brotou de seus beijos bestiais assustando a assombração que galopou para longe em seu tropel alucinado de mula encantada.

A besta, assombrada pelo encontro sinistro, disparou para outro lado, já esquecida do fato. Seu estômago roncou lembrando-o da fome que fora esquecida pela visão da amante encantada.

O focinho adunco captou outro cheiro, forte, de cigarro de palha e perfume barato, e ele correu naquela direção.

O preto velho andava devagar, fumava um cigarro tragando devagar e fundo, sentindo a fumaça invadir os pulmões e subir à mente.

O sapato de bico fino batia no calçamento com estrépito, clap, clap, clap, vinha pelo meio da rua.

Àquela hora da madrugada as calçadas não eram seguras.

A sexta-feira de lua cheia não o assombrava, não acreditava nas crendices populares nem nas histórias de assombração.

O tropel distante não o fez andar mais rápido, era só um cavaleiro perdido na noite.

As sombras largas das árvores faziam retalhos do luar.

O vapor da bebida que enevoava sua mente não o deixou perceber o vulto feroz e animalesco que acercava-se devagar.

A besta era cuidadosa ao caçar.

Foi apenas quando deu o pulo que o preto velho ouviu o ruído e virou-se e gritou com o que viu porque a loucura da cólera saía em raios avermelhados dos olhos da besta, a raiva pelo que era e o ódio pelo que iria fazer a consumiam.

A patada cortou a jugular da presa que caiu sob seu corpo já morta.

O lobisomem afundou o focinho nas entranhas ainda quentes do velho e se alimentou com um prazer sôfrego.

O coração foi a última parte que consumiu, deleitando-se com a carne borrachosa.

Sobre o corpo uivou exultando pelo sabor da caça, temperado com bebida forte.

Saciado voltou para o terreiro da igreja, espojou-se no pó, lavou o sangue seco das patas e bebeu da fonte, conspurcando-a.

O trinado dos pássaros anunciando o alvorecer avisaram-no do fim do fado.

Gemendo ele sentiu a pele virar-se, a dor do pecado que o açoitava.

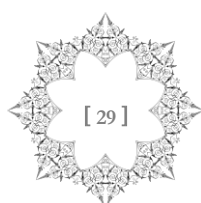
Nu entrou no quartinho dos fundos da igreja, suado e cansado.

Ela já o esperava deitada na cama.

O padre Paulo sorriu amargamente.

Não havia nada que pudesse fazer, senão pecar novamente!

Nada é mais escuro do que a sombra da lua!



A man in a dark suit and tie stands in a stone archway, illuminated by a green light. The background is a dark, stone building with arches and steps. The overall mood is mysterious and eerie.

APRESENTAMOS O CONTO  
**HÁBITO MALDITO**

Por Ney Alencar

**Sobre o autor: Natural de Recife-PE. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Tem contos publicados em 11 e-books (Histórias para Ler e Morrer de Medo I, II, IV, V e VI, Van Helsing Caçadores de Monstros, O Livro dos Mortos, Antologia de Ficção Científica I e II, Bruxas II, Contos e Poemas Assombrosos) e participou de 19 antologias (Do Meio do Espaço Chegou, Malditos Lobisomens, Smash, Cartas ao Mar, Bestiário, Era um Vez, Excalibur, Phantastikós, Portais, Terra do Nunca, Bloody Mary, Slashers, Cine Trash, Cataclismo Bestial, O Amor vem das Estrelas, Pátria Amada Brasil, Labirintos e Horror Além da Compreensão).**

“Quando dificilmente é dia  
Nem também é noite  
Tem coisas meio na sombra  
E meio na luz.”

Mary Poppins - Chim Chim Cher-ee

**O** sol se põe!  
Eu vejo a noite cair devagar com sua escuridão fria e misteriosa e isso me satisfaz.

O torpor deixa meus membros e eu acordo!

Meus hábitos malditos me guiam.

Deixo meu leito, minha terra natal, e olho pela janela estreita e octogonal com uma curiosidade mórbida.

Diante de mim se espalham mil telhados, um planalto de retalhos de telhas coloridas, chaminés, águas-furtadas e terraços, um mundo tenebroso e fantástico onde coisas como eu vivem em dança macabra entre a luz e as trevas.

O céu arroxeadado tornava-se negro, um ébano maravilhosamente salpicado de diamantes vivos.

A noite vinha com sua força telúrica exaltando os poderes do Mal!

Exultei com a multidão de odores que o vento noturno trouxe só para mim.

Minha boca salivou na antecipação da caçada.

Abri a janela e, saindo, respire com intensidade o ar da noite, saboroso, senti a fumaça das chaminés, sua fuligem seca, os perfumes daqueles que caminhavam ligeiros por ali nas ruas ainda cheias, perdidos ou não, senti o cheiro de todas aquelas peles misturadas! Uma sinfonia de carne!

E o odor do sangue!

Era forte, acima de todos os outros, vinha de todos os lugares, cada um com sua nuance saborosa.

Era fantástico como cada um deles possuía sua singularidade olorosa, seu gosto único.

A tentação de prová-los todos era avassaladora. Possuí-los seria um sonho!

Me controlei e caminhei pelas correntes de vento, pairando como um fantasma sombrio sobre a cidade, observando atentamente.

Havia pássaros e outras coisas que voavam pela noite, mas todas elas se afastavam de mim, nenhuma ousava cruzar meu caminho.

Eram como chacais afastando-se o caminho do tigre!

Deixei-me levar pelas correntes frias, saboreando aquele voo e deixando que elas me carregassem em suas mãos invisíveis para onde quisessem e onde me deixassem este seria meu destino.

Meus hábitos malditos me guiam!

Desço por um beco escuro e saio pela rua, caminhando displicente por entre eles, sentindo-os pulsarem ao meu redor.

Cada rosto, cada pele, cada sabor é inebriante, alguns mais do que outros.

Ali pelas ruas eu caço sozinho, não há outros como eu, não ali.

Meus olhos pulam de uma presa à outra, tentando decidir até que a encontro.

Uma mulher jovem e bela, rescendendo como uma flor, aberta e só.

Toco seu antebraço, o choque mesmérico contrai sua pele, arrepiando-a, ela se vira e seus olhos focam nos meus, escuros como poços de maldade primordial.

Eu a carrego para o próximo beco, vazio. Minhas presas a penetram.

Logo ela não é mais do que um invólucro vazio.

Me afasto saciado.

Me deixo levar pelas correntes da noite, pelos céus acima dos telhados da cidade.

Sento-me na ponta de um beiral, ao meu lado um gárgula de pedra olha o céu do alvorecer.

Os matizes de azul tornam-se roxos e então avermelhados e carmesins, a luz vem como o desabrochar de uma flor flamígera.

Outros que não eu já estariam escondidos, amedrontados, o pânico do sol os levaria ao delírio!

E depois à verdadeira morte!

Não eu!

Sinto o calor e a luz que surgem e tocam minha pele fria, ela não queima.

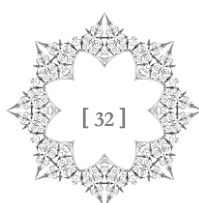
Sinto as presas retrocederem e desaparecerem, escondidas da luz e do calor do sol.

Tudo o que era já não sou mais.

Limpo o sangue dos lábios humanos.

A imortalidade se foi com a noite.

Agora só me resta viver... até a próxima noite!







**APRESENTAMOS O CONTO**  
**MUTANTES INFERNAIS**

**Por Noel Rosa de Castro**

**Sobre o autor: Noel Rosa de Castro considera-se um funcionário maravilhoso de uma empresa maravilhosa por pura necessidade financeira e psicológica, porque o trabalho rotineiro e regrado o mantém com os pés no chão dentro desse contexto físico e mental aqui da realidade comum a todos os seres humanos, possui muitos hobbies distintos, mas dois são recorrentes, fazer treinos de corrida que algumas vezes o levam a participar de competições esportivas oficiais e escrever histórias fictícias que algumas vezes viram livros, enfim, define-se como sendo apenas mais um no mundo, mas também como alguém muito esperançoso na construção e efetivação de um novo mundo muito melhor para tudo e todos sem qualquer distinção e restrição a aquisição de conhecimentos, habilidades e atitudes muito positivas e construtivas que nos levem a um existir pleno ou bem próximo disso.**

**N**ão demora muito para que Thomas se depare com sua protegida, amor platônico, objeto de desejo sexual e transcendental, Darlene, agora uma mutante infernal que quer seu sangue, sua carne e seus ossos, rosnando como um bicho selvagem, feroz, alucinado, muito sangue e saliva pingando da sua boca cheia de dentes pontiagudos, provavelmente das suas vítimas indefesas, mortas ou só desacordas lá embaixo, suas garras arranhando a parede, um terror surreal que petrifica nosso herói atônito.

Porém, algumas horas antes desse momento, Thomas e Darlene, saem correndo rua afora até chegarem numa das muitas casas abandonadas, mas esta é especial, toda feita de madeira muito bem trabalhada, rústica, clássica, icônica, outrora uma casa de shows temáticos relacionados ao velho oeste, porém, abandonada quando essas criaturas mutantes infernais apareceram.

— Olha só minha querida, eu não sei o que esta acontecendo, mas tenho certeza que isso tudo é culpa daquela empresa, ONG, associação, fundação, ou seja, lá o que ela for de fato, a Poder Nove, começou quando os seus cientistas dispersaram na atmosfera aquela fórmula bioquímica experimental chamada de Banho Nutriente, que segundo eles mesmos era para neutralizar todos os vírus nocivos à vida do ser humano, principalmente o corona vírus e suas variantes, mas acho que deu muito ruim esse plano — fala desesperadamente o velho, mas muito velho mesmo, senhor Thomas, enquanto engatilha sua winchester prateada.

— Minha nossa Thomas, eles estão vindo, Deus do céu, o que são eles? — sussurra Darlene toda trêmula e assustada, agarrada ao braço esquerdo do seu protetor, o velho, mas muito velho mesmo, senhor Thomas.

— Eles são um misto de várias criaturas minha querida, vampiros, lobisomens, zumbis e sabe-se lá Deus o que mais — fala Thomas colocando a sua clássica, icônica e exótica winchester prateada nas costas, retirando da maleta metálica a metralhadora experimental desenvolvida pelo amigo e engenheiro Antunes, descarregando a chuva de balas radioativas nos bichos que se aproximam velozmente e ferozmente.

Recapitulando, tudo começou meses atrás quando a Poder Nove, uma empresa, ONG, associação, fundação, ou seja, lá o que ela for de fato, borrifou na atmosfera o seu Banho Nutriente, uma fórmula bioquímica experimental que prometia neutralizar ou matar todos e quaisquer vírus nocivos ao ser humano, principalmente esse corona vírus e suas variantes.

Acreditamos que os vírus foram erradicados, mas o efeito colateral que surgiu a dois meses, essa chuva esverdeada, começou a transformar algumas pessoas numa espécie de mutante infernal, desmiolado, sedento por carne, sangue e ossos humanos.

Todos os países do mundo inteiro levaram os seus cidadãos não sugestíveis a transformação causada pela chuva verde, fenômeno que ocorre a cada dez dias em todo o planeta para suas colônias espaciais, existentes nos planetas do nosso sistema solar que foram formatados e viraram cópias quase que perfeita do próprio planeta Terra original.

Moradores de uma comunidade alternativa de oitenta habitantes, em sua maioria da mesma família, abominadores da tecnologia e modo de vida contemporâneo, viviam praticamente isolados, então, Thomas e Darlene, assim como todos os seus conhecidos e moradores dessa comunidade alternativa ficaram para traz.

Dos seus oitenta habitantes, setenta e oito transformaram-se esses mutantes infernais, mas dois não foram transformados e estão tentando sobreviver, além de tentar chegar até o helicóptero espacial da instituição, Poder Nove, essa é a última viagem que será feita do Brasil para colônia espacial brasileira, Verde Amarelo.

Enfim, Thomas e Darlene, correm contra o tempo e contra essas garras e dentes pontiagudos dos mutantes infernais sedentos por carne, sangue e ossos humanos.

Em plena meia noite, exatamente às 00h00min, enquanto Thomas dormia profundamente, Darlene, absurdamente toda vestida de branco, baby-doll e uma camisola cumprida até os pés, tudo branco e transparente, muito sexy e excitante, prostrada ali do lado de fora da casa em que se escondem, ela vai sendo lavada pela repentina chuva verde.

Ela vai sendo metamorfoseada em um mutante infernal, rosna feito um animal selvagem mostrando seus dentes pontiagudos, sangue e saliva escorrendo pelos cantos da boca.

Thomas, que tinha descido até a recepção para pegar mais gelo, quando entra no quarto, ouve o rosnado aterrorizante, atônito, paralisado, tenta entender o que esta acontecendo, porque lá em baixo todos estavam desmaiados ou mortos, seus pescoços com dois furos, sangue para todos os lados, rosnados, gritos e uma música sinistra tocando em algum lugar ao longe.

Então, retornando ao ponto anterior, não demora muito para que Thomas se depare com sua protegida, Darlene, agora uma mutante infernal que quer seu sangue, sua carne e seus ossos, rosnando como um bicho selvagem, feroz, alucinado, muito sangue e saliva

pingando da sua boca cheia de dentes pontiagudos, provavelmente das suas vítimas indefesas, mortas ou só desacordas lá embaixo, suas garras arranhando a parede, um terror surreal que petrifica nosso herói atônito.

Diante do amedrontado e trêmulo, Thomas, seu outrora protetor, mas agora sua deliciosa e suculenta presa, seu lanchinho da tarde ou noite, Darlene, cheia de dentes pontiagudos, afiados, cheios de sangue e saliva acida, avança na direção do pobre e indefeso para dar-lhe um quente abraço de amor infernal, um doce beijo mortal, arrancar-lhe a pele, comer-lhe a carne e beber o seu sangue, todo o seu doce sangue.

Com a sua metralhadora tecnológica nas mãos e a espingarda winchester nas costas, tremendo feito uma vara verde, Thomas, aterrorizado não sabe o que fazer.

Nossa! Minha amada tia Gertrudes, pela primeira vez na sua vida ele não sabe o que fazer no momento, meu Deus, Darlene, essa mutante infernal, absurdamente mortal e linda de morrer, sexy e excitante demais, tanto quanto horrível, pele muito pálida, olhos e cabelos, agora, vermelhos como sangue humano, voa no pescoço do paralisado e aterrorizado, Thomas, sua presa, seu lanchinho.

O amor fraternal cósmico que existe e une os dois desde muito tempo e faz coexistirem seus corações numa amalgama poderoso, será capaz de vencer a maldição desse fenômeno infernal chamado de chuva verde?

Nossa! Pelo amor da minha muito querida tia Gertrudes, a situação presente era terrível demais, apavorante, infernal, surreal, Darlene, agora uma mutante infernal selvagem e sanguinária, muito sexy e excitante, diga-se de passagem, segurando o antigo protetor indefeso e assustado, Thomas, ferozmente com suas garras, tentando arrancar-lhe a pele do pescoço, morder, mastigar sua carne, triturar seus ossos, sugar todo o seu sangue vermelhinho, bebe-lo todo e saborear-se.

Pobre e indefeso, Thomas, muito aterrorizando, esquivando-se das ferozes e contundentes investidas da sua protegida, uma mutante infernal, mas também absurdamente sexy e excitante, diga-se de passagem, Darlene, que esta desesperada pelo seu sangue doce e vermelho como a luz deste por do sol que se anuncia.

Thomas sempre foi fascinado por mutantes infernais, melhor dizendo, fascinado por uma linda mutante infernal específica e fictícia, muito selvagem que viu num filme de terror água com açúcar, sexy e excitante, interpretada por uma atriz linda de morrer, então, ver sua protegida, um amor proibido, amalgama de desejos não permitidos, Darlene, transformada na mais sexy e excitante mutante infernal desse mundo, ficando

aterrorizante, mas também linda de morrer, selvagem e sanguinária, meu Deus, ele mata ela ou esquece todos os medos e pudores e se entrega ao seu abraço infernal, beijo mortal e sua mordida de morte certa?

Ele esquece tudo e todos, dando-lhes uma chance de entrega sexual e mortal e desaparece para o infinito inimaginável da morte ou mantém sua postura de protetor e mata, livrando-a desse trágico destino?

Nem um e nem outro, porque outros mutantes infernais invadem o local, rápida e forte como qualquer mutante infernal é de fato, Darlene, rosna para os inimigos igualmente animalescos, peludos e ferozes, esses malditos bichos que desejam sua presa deliciosa, eles também querem um pedacinho do seu outrora amor platônico não declaro, Thomas, agora a sua comida suculenta.

Nossa mutante infernal muito horrível, bem como sexy e excitante, não, ela não deseja dividir sua comida, então, agarra o indefeso e atônito, Thomas, sai voando pelo céu avermelhado batendo suas enormes asas de morcego.

— Senhor Thomas? É a sua vez de ser atendido — fala a recepcionista estridentemente despertando o jovem Thomas da sua leitura concentrada dos contos e poemas assombrosos que prendeu tanto sua atenção que o fez devanear.

— Há! Sim, desculpe, eu me distraio demais com essa revista, estou indo — fala nosso desconcertado rapaz de cabelos e olhos negros como a noite mais densa enquanto segue para o consultório da linda dentista de cabelos e olhos azuis vividos, sexy e excitante demais, Dra. Darlene.





**APRESENTAMOS O CONTO**  
**A CENA DO CRIME**  
**Por Roberto Schima**

**Sobre o autor: Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record). Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: "Limbographia", "O Olhar de Hirosaki", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc. O conto "Ao Teu Dispor" foi premiado na antologia "Crocitar de Lenore" (Ed. Morse). Informações: Google. Contato: [rschima@bol.com.br](mailto:rschima@bol.com.br).**

**A** madrugada findava e, em breve, o sol despontaria no horizonte. Naquele instante, porém, a escuridão e o frio predominavam. Uma escuridão que ia muito além da noite e da falta de estrelas. Um frio que sugava todo o calor que havia não somente no corpo, mas no espírito de cada um.

— Credo cruz! — gritou um dos policiais, enquanto debruçava-se numa das janelas e colocava todo o conteúdo do estômago para fora.

Não era o único a passar mal. Nem era para menos.

Como homens e mulheres da lei, policiais e investigadores já tinham visto todas as formas de crime e brutalidade. Sabiam o quanto o ser humano podia ser cafajuste, imoral, sádico, ambicioso e abominável. Tampouco sentiam-se confortáveis diante de certas leis, no seu entender complacentes para com a bandidagem, e advogados inescrupulosos que dela se valiam ou buscavam brechas nas que eram de valor com o intuito de soltar seus clientes. Porém, até para aqueles corações enrijecidos por força do trabalho, aquilo pareceu demais.

— Que horror! — queixou-se uma perita criminal. — Não suporto mais.

Um colega seu, o investigador Pedrosa, queria dizer algumas palavras de conforto, todavia, ele próprio encontrava-se em choque. Limitou-se a colocar uma das mãos sobre o ombro da outra e levá-la para fora da casa, atentando-se onde pisava. Foram se sentar num banco na calçada do outro lado da rua onde havia uma praça.

Caso era que a janela do quarto fora arrebentada.

Vizinhos de cada lado informaram ouvir cantorias e, depois, gritos.

Mais tarde, no alto da madrugada, a culminar a perturbação, escutaram um estrondo.

Assalto, imaginaram.

Antes fosse apenas um roubo.

A mulher grávida fora assassinada.

Não fosse o fato chocante por si, os monstros não se limitaram a cortar sua barriga: ela fora despedaçada. E a criança que estava prestes a nascer desaparecera.

— Falei sério, Pedrosa — prosseguiu a perita, respirando o ar noturno. — Vou me demitir. Uma coisa eram os exercícios práticos na faculdade, um caso de latrocínio... Mas isso! Foge a qualquer análise. Não quero me envolver nisso, com nada mais!

O investigador inspirou profundamente, sendo grato por se ver livre do odor nauseante dentro da casa, misto de sangue, fezes, incenso, velas aromáticas e sabia-se lá

mais o quê. Podia compreender a mulher ao lado. Jamais conseguiria desfazer-se daquela visão pelo resto de sua vida.

— Eu sei, Dolly — foi o melhor que conseguiu dizer.

— Vou vender bijuteria, perfume, qualquer coisa até conseguir serviço num laboratório ou dar aulas. Meu Deus, Pedrosa, você viu aquilo?

— Vi...

Havia sangue e vísceras por toda parte do quarto — até no teto —, mas nenhuma pista de como aquilo fora feito e, muito menos, o motivo. Estrondo, haviam dito as testemunhas. Teriam os facínoras apanhado uma banana de dinamite e introduzido... NÃO! Era terrível demais só de pensar.

Enquanto *flashes* hesitantes de uma máquina fotográfica pipocavam na cena do crime, a horrenda tragédia adquiria contornos próprios para o investigador Pedrosa, exponencialmente maiores, pois não somente conhecera a vítima, Janine, como fora o seu amante ocasional. Todavia, de toda aquela barbaridade, uma coisa ele tinha certeza: o bebê não era seu. Isso de modo algum amenizava o trauma ou o torvelinho no qual suas emoções mergulharam. Agora, era impossível pensar no belo rosto de Janine sem que este se fundisse à máscara mortuária do cadáver.

Janine possuía um lado obscuro. Era adepta da magia negra. Lera inúmeros livros a respeito, colecionara objetos esquisitos como bolas de cristal e crânios de resina, frequentara círculos esotéricos. E, embora nunca tivesse contado nada para Pedrosa, este suspeitava que ela sacrificara galinhas, gatos e até cães em rituais.

Sinceramente, Pedrosa acreditava tanto naquelas coisas quanto em horóscopos, cartomantes, jogos de búzios, tarô, pé grande e discos voadores. Não obstante, desde que ela continuasse a dividir sua cama com ele, o que fizesse nas madrugadas solitárias era problema da aprendiz de feiticeira. Ao menos era o que ele pensava, até agora.

Meses atrás, Janine viera com a história da gravidez. Estava em prantos.

— O que vou fazer da minha vida? — choramingara.

Apesar de ser um imprevisto no relacionamento dos dois, a princípio, Pedrosa estava disposto a assumir a criança, acreditando ser o pai. Nunca pretendia formar uma família porque seria o tendão de Aquiles dentro de sua profissão, mas já que acontecera, não deixaria Janine ao léu. Contudo, a atitude da mulher deixara-o desconfiado. O medo que ela demonstrava ia muito além do normal. Era um verdadeiro pavor. A falta de respostas às perguntas dele. Evasivas e lágrimas. Seu implorar para que ele a deixasse



em paz, praticamente expulsando-o da casa, fizeram-no questionar o que de verdade existiria por trás daquilo. Assim, afastou-se, aguardando que ela tomasse a iniciativa de contactá-lo. O que não aconteceu. Agora, lá estava o que restava de Janine espalhado pelo quarto.

A contragosto, disse à perita criminal:

— Preciso voltar lá, Dolly. Dê um tempo e tome ar fresco. Pense bem o que fará da vida.

Em verdade, Dolly era um apelido. Nada tinha a ver com "boneca" e, muito menos, com a ovelha clonada em 1996. O nome dela era Dorotéia.

— Vá lá — falou a mulher.

No interior da casa, esforçando-se ao máximo por ser profissional, o investigador Pedrosa percebeu que, de fato, o ventre de Janine parecia ter estourado. Contudo, contrariando a hedionda tese da dinamite, não havia sinais de explosivo no local. Era como se uma força tremenda dentro da mulher tivesse ansiado por sair.

"Pior que *Alien*", pensou, enojado da comparação.

Quanto a janela, fora quebrada de dentro para fora e não o contrário, o que seria de se esperar em uma invasão, hipótese descartada. Para coroar o mistério com chave de ouro, um pequeno rastro de sangue saía do quarto em direção à janela e, do lado de fora, desapareciam em meio ao jardim.

Em que direção as pistas apontavam? O que poderia concluir desse quebra-cabeça?

De outra parte da casa, um policial gritou:

— Credo! Tem uma cabeça de gato na geladeira!

A mente analítica de Pedrosa recusava-se a aceitar as evidências que seus olhos apontavam.

Magia negra?

Bruxaria?

Diabo?

Era loucura!

Foi quando alguém, até então agachado num canto a coletar provas, levantou-se e virou.

— Dolly?! — falou o investigador. — O que faz aqui dentro?

Dorotéia franziu a testa.

— Como assim? Estou fazendo meu trabalho. Desde que entrei, não saí daqui.

— Você passou mal. Levei-a pra fora...

— Pedrosa, considerando a cena do crime, bem que queria estar quilômetros longe daqui. Quem aparenta estar mal é você. Ficou parado entre os dejetos, balbuciando não sei o quê. Depois, correu pra rua.

Nesse ponto, o investigador aproximou-se da janela.

No banco da praça, sob a fraca iluminação pública, a coisa que assumira a forma de Dolly fitava-o direto nos olhos. Sorria. A seguir mudou sua forma para algo que fez o corpo de Pedrosa estremecer. O investigador deu um passo para trás e escorregou num fragmento de intestino. A queda ruidosa atraiu a atenção de todos.

— Pedrosa!

O terno amarrotado se manchou de sangue e fezes.

Entrementes, o que mais chamou a atenção dos colegas foi a expressão desvairada em seu rosto.

— Ali! — apontou para a janela. — Na praça!

Alguns olharam para fora e nada viram além da rua deserta, das viaturas, de um banco vazio e da claridade da manhã que principiava a brotar.

O delegado chegou perto do investigador.

— Recomponha-se, homem! Seja profissional como a Dorotéia. Esquadrinhe a cena do crime e entregue-me o relatório antes do almoço.

Mencionar o almoço não fez nada bem ao já perturbado investigador. Foi a vez dele expulsar a bile do estômago no piso do quarto.

— Ei, está contaminando o local... e meus sapatos! — protestou o delegado. — Saia daqui!

Relutante em ficar nas dependências da casa ou no outro lado da rua, Pedrosa entrou na viatura, sem se importar em manchar o estofamento. Embora descrente, o que seus olhos viram a mente não conseguia negar. E só encontrava explicação na vinda de algo diferente de tudo que o mundo já vira: maligno, monstruoso, demoníaco, oriundo da escuridão. Quanto ao relatório, o que poderia escrever? Que tivera um caso com a vítima? Que ela parira uma espécie de demônio como em *O Bebê de Rosemary*? Que a criatura assumira a forma da perita criminal e, depois, de um monstro? Que esse monstro estava a solta fazendo só Deus sabia o quê?

O tempo — e novos crimes extraordinários — cuidaria de dar razão a Pedrosa, por mais que a razão nada tivesse a ver.

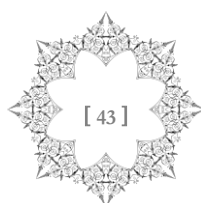
Quanto a ele, pediu exoneração, passou a tomar medicamentos e a dar aulas. Afinal, não levava jeito algum para vender bijuterias ou perfumes.

O pressentimento de não estar sozinho jamais o abandonou, principalmente de madrugada.

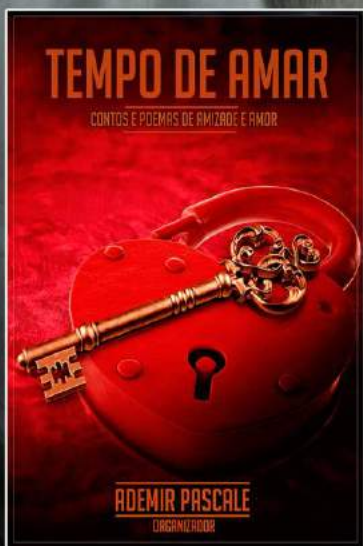
Foi justamente numa fatídica noite que sua campainha tocou

Ao atender, seu coração falhou uma batida:

— Janine!



# CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



**BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS**

VISITE: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)

CURTA: [WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA)

SIGA: [WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA)

E-MAIL: [ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM](mailto:ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM)

**PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI**